



UNIVERSIDADE DE BRÁLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

**Giuliana Cristina Costa Gomes**

**A SUBVERSÃO SUTIL DOS PAPÉIS DE GÊNERO NO  
CONTO ``THE LAST OF THE DRAGONS``**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras:  
Inglês, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília  
(UnB), requisito para a obtenção do título de licenciado em  
Letras.

Orientador: Prof. Dra. Cintia Carla Moreira Schwantes

BRASÍLIA

2023

### Dedicatória

Aos meus pais e amigos  
que estiveram comigo  
nesta jornada.

## **AGRADECIMENTOS**

Viver não é uma coisa fácil, mas eu agradeço de coração todas as pessoas que fazem isso ser doce e suave. Agradeço aos meus pais por sempre tentarem me ajudar e estarem ao meu lado. Aos meus amigos, Diego, William, Amanda, Vitória e Beatriz por me apoiarem em absolutamente tudo e sempre estarem disponíveis quando eu precisar. Em especial ao Diego por sempre me perguntar como eu estava e ao William por tentar me ajudar no meio do caos que estava minha cabeça para desenvolver esse trabalho.

## RESUMO

Este trabalho busca analisar o conto de fadas de Edith Nesbit, “The last of the dragons”, de 1899, sobre a perspectiva da crítica feminista para explorar o contexto histórico em que o conto foi publicado, para entender os papéis sociais de gênero e as restrições advindos deles, que extrapolam para o conto, e para desenvolver como os personagens subvertem esses papéis e burlam essas restrições.

**Palavras-chave:** Crítica feminista, subversão e papel social de gênero

## ABSTRACT

The aim of this work was to analyze Edith Nesbit's fairy tale, "The last of the dragons", published in 1899, from a feminist criticism's perspective to explore the historical context of the tale's publication, to understand the social roles of gender and the restrictions that came with it, which extrapolates the story and reflect the real life, and to develop how the characters subvert these roles and circumvent these constraints.

**Keywords:** Feminist criticism, subversion and social roles of gender.

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	7
2.	<b>DESENVOLVIMENTO .....</b>	8
3.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	9
4.	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	11

## 1. Introdução

Conto de fadas *“The last of the dragons”* foi lançado em 1899, na Inglaterra, por Edith Nesbit, que escrevia sobre o pseudônimo andrógino E. Nesbit, assim como várias outras autoras que escondiam suas identidades com medo de suas obras serem “inferiorizadas” pelo simples fato de serem mulheres. Estas que eram impelidas ao ambiente privado, devida uma prerrogativa machista de que mulheres não tinham capacidades de performarem em esferas públicas. Precursora da escrita moderna de aventura para crianças, Nesbit usa um realismo da experiência das crianças e mistura com objetos e aventuras mágicas, inspirando posteriormente autores como C.S. Lewis, P.L.Travers e J.K. Rowling.

Na Inglaterra Vitoriana era comum usar os conceitos como *“the angel in the house”*, para nomear o ideal de mulher da sociedade inglesa, de serem os “anjos” que têm de cuidar da casa e os filhos, de serem submissas e flexíveis aos homens ao seu redor, e *“the fallen women”*, para nomear qualquer mulher que fugia do conceito anterior. Definições essas que exemplifica qual era a visão dos ingleses sobre as mulheres. Sendo contemporâneo do movimento sufragista, mesmo Nesbit não sendo totalmente a favor do movimento ou não declaradamente feminista, o conto, como em outras obras da autora, traz elementos feministas consigo que podem ser considerados transgressores quando se trata de questões de gênero.

A questão do conceito de gênero como categoria de análise traz uma instabilidade como é levantado pela Sandra Harding (1986). Temos gênero utilizado tanto para as relações sócias entre os sexos, tanto como categoria social imposta sobre um corpo sexuado e tanto para a distinção da prática sexual dos papéis atribuídos à mulher e ao homem. O conceito de gênero, na visão feminista, se deu por volta de 1970 pelo Movimento Feminista, denunciando discriminações e violência contra as mulheres pelo simples fato de ser mulher. Joan Scott (1986) traz o conceito de gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; uma forma primeira de significar as relações de poder”, que se pode perceber nas relações que se espera entre a princesa, o rei e o príncipe. Com tudo, temos a princesa e o príncipe saindo dos padrões estabelecidos ao gênero de cada um, podendo ser relacionar com o que a Judith Butler (1998) discorre:

Os gêneros não são passivamente inscritos nos corpos e nem são determinados pela natureza, pela língua, pelos símbolos ou pela esmagadora história do patriarcado. Gênero é aquilo que colocamos, invariavelmente, com ansiedade e prazer.

Tradicionalmente, tanto na própria história quanto nos contos de fadas em geral, a princesa tem que ser sequestrada pelo dragão e salva pelo príncipe. Porém, no decorrer da história entende-se que nenhum desses três elementos/personagens quer desempenhar os papéis que lhes foram designados.

## 2. Desenvolvimento

Nesbit foi sutil em seu posicionamento nesse conto, pois ele não é um conto feminista extremista, mas questiona o sistema sem subvertê-lo, como maioria das obras que quisesse aborda o tema tinha de ser, afim de não serem retaliações. Temos quatro personagens: a princesa, o rei (pai da princesa), o príncipe e o dragão.

A Princesa está dentro desse sistema patriarcal, mas ela não tem muita noção do que esse sistema representa e do que ele pode limitá-la. Ela completou 16 anos, idade a qual na história ela já tem de tomar as responsabilidades padrão de uma mulher, que se desenvolveu um pouco além de onde o sistema de gênero permite sem interromper. Desempenha as obrigações que lhe são destinadas, corresponde ao padrão de ser bonita e gentil, porém mostra interesse em outras áreas que seriam normalmente designadas somente aos meninos, como esgrima. Ela parece meio alheia a esse sistema até ele começar a exigir os encargos dos papéis de gênero que lhe causam certa estranheza.

O rei simboliza esse patriarcado que ele mesmo se esforça para perpetuar. Ele conta à princesa que ela tem que ir às montanhas, onde o dragão está, e esperar para ser salva assim como sua mãe e ele fizeram e que sempre foi assim e sempre seria se ainda tivessem mais dragões. Nesse momento, eles estão sozinhos no jardim do castelo, o rei tira a sua coroa e a princesa coloca em seu lugar uma coroa de flores, em nenhum momento o rei protesta, eles parecem estar muito confortáveis com a presença um do outro. O rei só reage, quando o primeiro-ministro aparece e ele rapidamente tira a coroa de flores e coloca a sua, reforçando a ideia que a masculinidade exige um reforço contínuo e repetitivo para afirmar essa imagem e posição. A princesa o questiona acerca dessa tradição, diz ser mais capaz de derrotar o dragão do que qualquer príncipe. Ao se beneficiar dessa esquematização, o rei tende a reproduzir e reforçar valores associados a

essa cultura patriarcal, mesmo não tendo argumentos para explicar o porquê de as coisas terem de ser desse jeito.

O príncipe foge do perfil de bravo cavaleiro em cima do cavalo branco, pelo contrário ele tem muito mais afinidade com os livros do que com as batalhas. Se espera dele o perfil de masculino (geralmente relacionada à força, virilidade, agressividade, dominação...) sendo dada como atributo "natural" do homem (JANUÁRIO, 2016), mas ele não atende as essas expectativas, ele é gentil e academicista. Com tudo, ele aceita a missão de salvar a princesa, mesmo tendo a plena consciência que talvez não tenha as habilidades esperadas para um príncipe e se mostra disposto até mesmo a morrer em nome dessa tradição sem nem entender ou concordar com ela, como se fosse a coisa certa se fazer desde sempre, mostrando que "os modelos antiquados de masculinidades e seus ideais hegemônicos são prejudiciais mesmo para os homens e conseqüentemente para a sociedade no geral" (JANUÁRIO, 2016).

Ambos discordam da tradição e pensam que poderia ser de outra forma, eles elaboram um plano para que a questão seja resolvida mantendo as aparências esperadas. Num cenário onde tudo seria resolvido da forma que o patriarcado impõe, com violência, eles tentam uma abordagem diferente, com gentileza, atributo normalmente ligado à feminilidade. É um momento significativo, pois a princesa não toma a frente e enfrenta o dragão, sozinha, como se esperaria de um cavaleiro, a questão é resolvida com base nos atributos e características individuais de cada um dele, quebrando assim os paradigmas e rompendo com a tradição patriarcal e mudando as relações sociais as quais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1986).

### 3. Considerações finais

A princesa cria uma nova subjetividade feminina diferente do gênero papel ideal que é incentivado pela sociedade vitoriana, pois "a corporificação feminina parecia ser dada, orgânica, necessária" (HARAWAY, 1985) e com ela fugindo dessas regras se põem em xeque todo um sistema, pois ele não é mais tão necessário quanto se pensava. Com a quebra do padrão imposto, se exige uma nova organização social e política (JANUÁRIO, 2016). Seria interessante "desassociar completamente 'mulheres' de 'mulher', o mito. Pois, 'mulher' não existe para nós (mulheres), é apenas

uma formação imaginária` (WITTING, 1980). Os padrões deviam deixar de ser a regra e servir de inspiração para a construção de formação de cada um individualmente.

Atualmente, vivemos numa sociedade de `` constante mudança e permeada por uma fluidez dos valores, antes tão sólidos` (JANUÁRIO, 2016), assim temos uma crescente ruptura de que nos possibilita a quebra de paradigmas sociais cristalizados (SCOTT, 1986) e mesmo assim continua sendo um processo difícil, imagina em épocas onde o sistema era mais rígido. Assim as autoras tinham de ``disfarças`` suas opiniões nos textos, que numa primeira leitura parece ser nada de mais, mas em outras leituras você já começa a perceber suas nuances.

## Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. "Performative Acts And Gender Constitution: An Essay In Phenomenology And Feminist Theory", Theatre Journal, Vol. 40, Nº 4, Dez. 1998.

HARAWAY, Donna. "Manifesto For The Cyborgs: Science, Technology And Socialist Feminism In The 1980's", Socialist Review, Nº 80, 1985.

HARDING, Sandra. "The Instability Of The Analytical Categories Of Feminist Theory", Signs: Journal Of Women In Culture And Society, Vol. 2, Nº 24, 1986.

JANUÁRIO, Soraya. "Masculinidades em (re) construção: Gênero, Corpo e Publicidade", Universidade da Beira Interior. 2016.

LAURETIS, Teresa de. "The Technology of Gender" No Livro Technologies Of Gender: Essays On Theory, Film And Fiction, Bloomington: Indiana University Press, 1987.

SCOTT, Joan. "Gender: a useful category of historical analysis", The american historical review, vol. 91, nº 5, Nova York: American Historical Association, 1986.

WITTIG, Monique. "On Ne Naît Pas Femmes" Em Questions Féministes. Nouvelles Questions Féministes 8, Paris, 1980.